



FACULDADES INTEGRADAS DE TAGUAÍ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

WALQUIRIA APARECIDA ROLIM

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO
PRÁTICA PEDAGÓGICA E FACILITADORA,
SUBSIDIANDO A FORMAÇÃO LEITORA
DA CRIANÇA PEQUENA**

TAGUAÍ-SP
2022

WALQUIRIA APARECIDA ROLIM

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO
PRÁTICA PEDAGÓGICA E FACILITADORA,
SUBSIDIANDO A FORMAÇÃO LEITORA
DA CRIANÇA PEQUENA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no curso de Graduação em
Pedagogia nas Faculdades Integradas de
Taguaí sob a orientação do Professor
Mestre Eduardo Gasperoni de Oliveira.

WALQUIRIA APARECIDA ROLIM

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO
PRÁTICA PEDAGÓGICA E FACILITADORA,
SUBSIDIANDO A FORMAÇÃO LEITORA
DA CRIANÇA PEQUENA**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo professor Me. Eduardo Gasperoni de Oliveira, apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia das Faculdades Integradas de Taguaí, como requisito para obtenção do grau de graduada em Pedagogia.

APROVADA EM: 12/12/2022

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR PROFESSOR MESTRE EDUARDO GASPERONI DE OLIVEIRA

ESPECIALISTA ANA CLARA DE PAULA ETORE

MESTRE PAULO RENATO DA SILVA

Agradecimentos

Agradeço a Deus, pelo amor e pela misericórdia derramada em minha vida, bem como iluminar a minha mente nos momentos difíceis, me dando força e coragem para seguir.

Aos meus pais, João e Célia Rolim, meu tio Pedro, meus irmãos Waldenir, Waldirene, Waldir, Valdeci e Waldinéia Rolim, por sempre me incentivarem.

Ao meu companheiro Valdenir da Silva, por toda paciência e confiança depositada em mim.

A minha querida amiga Mirian Almeida por sempre me apoiar e me ajudar.

De um modo mais que especial, ao meu orientador, professor e Mestre Eduardo Gasperoni de Oliveira, pois sem ele não teria chegado até aqui.

A todos os professores que passaram por minha turma nesse período de estudos.

E, por fim, aos participantes da pesquisa de campo pela colaboração essencial para concretizar este artigo científico.

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo demonstrar a importância da contação de histórias enquanto prática pedagógica e facilitadora, subsidiando a formação leitora na Educação Infantil para crianças pequenas de 4 anos a 5 anos e 11 meses. Como especificidade pretendeu: caracterizar a criança pequena – 4 anos a 5 anos e 11 meses; conceituar, caracterizar e trazer os benefícios em torno da contação de histórias; trazer apontamentos em relação ao Campo de experiência O Eu, o Outro e Nós e Fala, Escuta, Pensamento e Imaginação, da Base Nacional Comum Curricular; e, por fim, através de uma pesquisa de campo, verificar por meio do corpo docente que atua com crianças pequenas, estratégias em torno da contação de histórias. O referencial teórico vem mostrar que a contação auxilia no desenvolvimento infantil nos aspectos cognitivo, físico, afetivo, social e psicológico, com contribuições para que a criança pequena exerça melhor seu senso crítico de socialização, comunicação, criatividade, disciplina, colaborando fundamentalmente na formação leitora. Para tanto, pretendeu-se responder ao seguinte questionamento: A contação de histórias pode ser concebida como prática pedagógica e facilitadora que irá colaborar com a formação leitora da criança pequena – de 4 a 5 anos? A hipótese é positiva. Por meio da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, pode-se comprovar que para as crianças, inclusive da faixa etária dos 4 a 5 anos de idade, não são valorizados momentos da oferta da contação de histórias na rotina escolar da Educação Infantil. Tristemente, muitas escolas acham esse modo antiquado, antigo e sendo assim, acabam não depositando investimentos em espaços específicos para a contação de histórias, nem na preparação acadêmica de seus educadores para desenvolver a narração. Comprova-se que os profissionais da Educação Infantil possuem um importante papel na evolução intelectual e na base do crescimento escolar da criança, que por sua vez possibilita o desenvolvimento de construções significativas, levando o aluno a uma melhora na compreensão de mundo e na formação leitora. Portanto, faz-se necessário que o corpo docente reflita e faça uso dessa ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da imaginação.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Prática Pedagógica e Facilitadora. Formação Leitora. Crianças Pequenas. Corpo Docente.

1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a importância da contação de histórias enquanto prática pedagógica e facilitadora, subsidiando a formação leitora na Educação Infantil para crianças pequenas de 4 anos a 5 anos e 11 meses.

A contação de histórias auxilia no desenvolvimento infantil nos aspectos cognitivo, físico, social e psicológico, contribuindo a fim de que o educando exerça melhor seu senso crítico de socialização, comunicação, criatividade e disciplina.

As crianças podem e devem ter contato com os livros desde pequenas, o que auxiliará no desenvolvimento da oralidade, revelará as diferenças entre a língua escrita e falada, ampliará seu vocabulário e despertará sua capacidade de imaginação.

Triste daquele que não pode ter acesso às histórias ao ser criança para que pudesse desfrutar do mundo das imaginações por meio das histórias, as quais possibilitam ir além do que se pode e mostra uma nova visão do mundo, sendo possível fantasiar as maiores inseguranças, tornando-o capaz de superá-las com a ajuda das personagens.

Sendo prazerosas, as histórias trazem consigo muitos benefícios para a criança se desenvolver, desde a sua oralidade, ampliação lexical e também seu desenvolvimento cognitivo e cuidados com o pensamento, pois: "Esta experiência pode iniciar na infância, especialmente na Educação Infantil, já que a idade não é o fator determinante, mas as possibilidades de pensar e falar" (MATEUS *et al apud* OLIVEIRA, 2020, p. 154), os quais serão descritos no decorrer deste trabalho.

Dados da pesquisa feita sobre a leitura no Brasil de 2015 a 2019, pela revista Retratos da Leitura no Brasil, relatando a perda de 4,6 milhões de leitores, demonstra um abandono intelectual e formativo de um novo leitor, uma vez que os adultos responsáveis não obtêm o hábito leitor, deixando as crianças mais vinculadas à tecnologia do que ao livro.

A falta de estímulo durante a fase infantil, embora não seja o único motivo, é o que mais conta para um indivíduo tornar-se alguém averso ao hábito da leitura. No Brasil, a média de livros lidos na íntegra é de 2,4 exemplares por ano, e 30% dos leitores admitem não compreendê-los facilmente (PIERRY, 2022, s/p.).

Este artigo científico tem como motivação e se faz relevante devido à importância de se refletir acerca da inserção da contação de histórias no sentido de contribuir à formação leitora para as crianças pequenas do segmento escolar da Educação Infantil.

De fato, a leitura é uma atividade essencial na vida do homem de nosso século. É através dela que se obtêm informações, que se entra em contato com novas descobertas, que se aprende a regular os comportamentos do homem em seu convívio social [...] (FREGONEZI, 2003, p. 3).

Segundo Piaget (1978), a prática da contação de histórias auxilia na formação humana através da imaginação, atenção e linguagem. A criança aprende pelos objetos, com o meio social, brincadeiras e jogos contribuindo para a promoção de aprendizagem com sentidos significativos.

Na obra “O pensar bem na educação infantil”, Mateus *et al* (*apud* OLIVEIRA, p.156) destacam que “a contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil, destaca e impulsiona o gosto e o hábito da leitura e a ampliação lexical e cultural”.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 43) aponta que “criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos”, é um dos objetivos de aprendizagem no campo de experiências Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação. Além de estimular a imaginação, a oralidade e a escrita, sendo uma prática pedagógica que exercita as conexões neurais da criança, fazendo com que ela se identifique com as situações e desenvolva meios de lidar com seus sentimentos e emoções.

Vale ressaltar aqui, um dos reais motivos da escolha do seguinte tema – “A Contação de Histórias como Prática Pedagógica e Facilitadora, Subsidiando a Formação Leitora da Criança Pequena de 4 anos a 5 anos e 11 meses” – pois a proponente deste artigo teve a experiência de acompanhar o desenvolvimento da criança pequena apoiada com a prática pedagógica do ato de contar histórias e, como consequência, acompanhou os resultados positivos obtidos pela professora regente da sala, Eurósia Milena Borba.

Este artigo científico tem como objetivo geral levar a reflexão acerca da contação de histórias como prática pedagógica e facilitadora, subsidiando a formação leitora da criança pequena na Educação Infantil.

E pretende as seguintes especificidades:

- Caracterizar a criança pequena – 4 anos a 5 anos e 11 meses, em conformidade com a legislação vigente e renomados autores;
- Conceituar, caracterizar e trazer os benefícios em torno da contação de histórias;
- Trazer apontamentos em relação ao Campo de experiência O Eu, o Outro e Nós, da Base Nacional Comum Curricular, mais especificamente em colaborar a fim de que a criança pequena demonstre empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir distintos;
- Refletir sobre o campo de experiência Fala, Escuta, Pensamento e Imaginação, da Base Nacional Comum Curricular, a fim de que a criança pequena saiba expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral, de modo peculiar no momento da contação de histórias;
- E, por fim, através de uma pesquisa de campo, verificar por meio do corpo docente que atua com crianças pequenas, estratégias em torno da contação de histórias e como tal recurso pode corroborar com a formação leitora.

A fim de se alcançar estes objetivos pretende-se responder a seguinte indagação: A contação de histórias pode ser concebida como prática pedagógica e facilitadora que irá colaborar com a formação leitora da criança pequena – de 4 a 5 anos?

A hipótese é positiva. Por meio da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, pode-se comprovar que para as crianças, inclusive da faixa etária dos 4 a 5 anos de idade, não são valorizados momentos da oferta da contação de histórias na rotina escolar da Educação Infantil. Tristemente, muitas escolas acham esse modo antiquado e antigo e, sendo assim, acabam não depositando investimentos em espaços específicos para a contação de histórias, nem na preparação acadêmica de seus educadores para desenvolver a narração. Comprova-se que os profissionais da Educação Infantil possuem um importante papel na evolução intelectual e na base do crescimento escolar da criança, que por sua vez possibilita o desenvolvimento de

construções significativas, levando o aluno a uma melhora na compreensão de mundo e na formação leitora. Portanto, faz-se necessário que os professores utilizem essa ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da imaginação.

Esteves (1998, p. 125) afirma que: “O prazer que a criança tem de ouvir e contar histórias, é um claro indicador que a fantasia e a imaginação são indispensáveis para elas conhecer e compreender”.

Este artigo científico, para melhor compreensão está dividido em duas partes. A primeira denominada “*A contação de histórias como prática pedagógica e facilitadora, subsidiando a formação leitora da criança pequena: fundamentação teórica*” traz apontamentos em torno dessa temática. Primeiramente, em conformidade com a legislação vigente e alguns estudiosos, traz considerações caracterizando a criança pequena. Em seguida, apresenta conceitos, benefícios e caracterizações da contação de histórias. Logo a seguir, por meio da B. N. C. C., traz apontamentos relevantes sobre os Campos de Experiências Campo de experiência O Eu, o Outro e Nós e Fala, Escuta, Pensamento e Imaginação em torno da contação.

A segunda parte diz respeito aos *Procedimentos metodológicos, coleta e análise de dados* trazendo ao debate uma pesquisa de campo com educadores atuantes com crianças pequenas que empregam em sua prática docente o recurso pedagógico da contação de histórias.

2 – A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA E FACILITADORA, SUBSIDIANDO A FORMAÇÃO LEITORA DA CRIANÇA PEQUENA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. 1 – A Criança Pequena, de acordo com a legislação brasileira vigente e renomados autores

A Constituição Federal Brasileira de 1988 reconhece a educação em creches e pré-escolas como um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino assegurado às crianças (BRASIL, 1999).

Particularmente no artigo 208, incisos I e IV, a Educação Infantil: “I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade; [...] IV – Educação Infantil, em creche e pré escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Relação dada pela Emenda Constitucional n 53º, de 2006)” (BRASIL, 1999).

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), em seu artigo 9º, aponta que os eixos nos quais são estruturadas as práticas pedagógicas da Educação Infantil tratam-se das interações e da brincadeira.

A Base (BRASIL, 2017) vem reforçar a questão desses dois pilares relevantes que fundamentam a prática docente na Infância. Nesse modo, as interações e as brincadeiras diz respeito:

[...] às experiências nas quais as crianças constroem e se apropriam de conhecimentos através de suas ações e interações com seus pares e com adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2017, p. 35).

Ao reconhecer as especificidades dos distintos grupos etários que formam a etapa da Educação Infantil, os objetivos de aprendizagem e de desenvolvimento são organizados em três grupos de faixas etárias em cada campo de experiências (BRASIL, 2017).

Cada grupo, de acordo com Brasil (2017), concerne a uma determinada faixa etária de desenvolvimento e de aprendizado e assim são denominados: Bebês (de zero a 1 ano e seis meses); Crianças Bem Pequenas (de 1 ano e sete meses a 3 ano e onze meses) e Crianças Pequenas (de 4 anos a 5 anos e onze meses). Tal

documento também dividiu a instituição escolar de Educação Infantil, de acordo com estes grupos etários, sendo: Creche – abrangendo de bebês de 0 a crianças de 3 anos e 11 meses – e Pré-Escola – abrangendo crianças com faixas etárias de 4 a 5 anos e 11 meses de idade – o foco deste artigo científico.

Convém mencionar que na Psicologia, há variadas teorias sobre o desenvolvimento do ser humano. Dentre elas, tem destaque a Teoria da Epistemologia Genética de Jean Piaget (1886-1980), referência à compreensão do desenvolvimento do homem (WADSWORTH, 1997).

Piaget (*apud* WADSWORTH, 1997) trouxe como definição de epistemologia genética o estudo da passagem dos estados inferiores do conhecimento aos estados mais complexos. Em relação ao processo de construção do conhecimento, apresentou a evolução das competências intelectuais da criança e enfatizou que o desenvolvimento intelectual é subdividido em períodos do desenvolvimento, conforme o surgimento de novas qualidades do pensamento o que, por sua vez, intervém no desenvolvimento global. Assim, os estágios do desenvolvimento estão subdivididos, segundo Piaget (*apud* WADSWORTH, 1997), em: primeiro período sensório-motor (0 a 2 anos), segundo período pré-operatório (2 a 7anos), terceiro período operações concretas (7 a 11 ou 12 anos) e quarto período operações formais (11 ou 12 anos em diante).

Nessa pesquisa acadêmica, mais precisamente nesta subseção, pretende-se caracterizar a criança pequena. Mas, em primeiro lugar, convém trazer elucidações sobre o estágio período pré-operatório do desenvolvimento humano, sob a ótica piagetiana, que compreende a criança de 2 aos 7 anos de idade.

O estágio do desenvolvimento pré-operacional, conforme Piaget (*apud* WADSWORTH, 1997), é caracterizado como sendo o segundo estágio no "*continuum*" do desenvolvimento, pois as mudanças intelectuais e cognitivas acontecem de modo sequencial e cumulativo.

No estágio pré-operatório, a criança ainda faz uso de ações sensório-motoras à construção de conhecimento. Todavia, o desenvolvimento intelectual tem como alicerce as atividades representacional, social e simbólica (WADSWORTH, 1997)

Piaget (*apud* WADSWORTH, 1997) traz que a fase pré-operatória é caracterizada por centração, inabilidade de acompanhar transformações, egocentrismo e ausência de reversibilidade. Tais características no início do estágio

atenuam o desenvolvimento do pensamento lógico. No decorrer desse período, vão perdendo o predomínio e a criança vai se tornando com mais habilidade à construção do pensamento lógico, tornando-se mais comunicativa e social, por causa do egocentrismo que vai se deteriorando.

A fase pré-operatória subdivide-se em dois períodos, que são o subperíodo simbólico, perdurando até 4, 5 anos de idade, em aproximado, e o subperíodo intuitivo, que perdura em aproximado até 6,7 anos de idade. Por sua vez, este último, subdivide-se em dois estágios: intuitivo global e intuitivo articulado (WADSWORTH, 1997)

Para Coelho (1999), de modo particular, a criança pequena, que compreende a idade dos 4 anos a 5 anos e 11 meses: tem a tendência de se comunicar com uso de frases completas para expressar seus desejos e sentimentos na escolha do que quer e opinar sobre algo; ela adora inventar histórias usando sua criatividade e o seu mundo do faz-de-conta, o que ajuda a desenvolver o pensamento apoiando-se em ideais e palavras; tem a capacidade de imaginar além do seu campo de visão, sendo assim, a família tem o papel primordial de incentivar e apoiar as crianças a elaborar suas próprias histórias, etc.

De acordo com Coelho (1999, p. 26), “a criança pequena que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para seu entretenimento”.

Segundo Magierik (2022), as principais características do desenvolvimento das crianças pequenas são:

De modo *cognitivo*, as crianças de 4 a 5 anos já adquiriram vocabulário maior, em aproximado de 1500 a 2000 palavras. Expressam-se por meio da linguagem. Compreendem ordens com frases na negativa, articulando bem consoantes e vogais e constroem frases bem estruturadas. Há uma “curiosidade insaciável”. Entendem as distinções entre a fantasia e o real, dentre outros aspectos (MAGIERIK, 2022, s/p.).

Sob o âmbito *social*, as crianças de 4 a 5 anos gostam de brincar com outras crianças. Elas selecionam seus colegas quando estão em grupo. Há imitação das atividades dos adultos. Iniciam o aprendizado da partilha e da divisão, aceitando as regras e procurando respeitar a vez do outro (MAGIERIK, 2022).

De modo *emocional*, as crianças de 4 a 5 anos comumente têm pesadelos, amigos imaginários e uma grande capacidade de fantasiar. Buscam de modo frequente “testar o poder e os limites dos outros” (MAGIERIK, 2022, s/p.).

Moralmente, as crianças de 4 a 5 anos têm maior consciência do certo e errado, preocupando-se geralmente em fazer o que está certo (MAGIERIK, 2022).

Realmente, no período escolar da pré-escola é o primeiro momento onde as crianças têm contato com a sala de aula. Por meio das atividades lúdicas, de modo essencial, utilizadas como didática pedagógica, “os pequenos podem desenvolver novas habilidades cognitivas e relacionadas à coordenação motora” (MARQUES, 2022, s/p).

Nessa fase, as crianças aprendem a desenhar as letras, familiarizar com números, têm os sentidos estimulados, interagem socialmente, dentre outras capacidades que irão colaborar com seu desenvolvimento. “Pinturas a dedo, criação de fantoches, teatros, danças e contação de histórias são atividades que costumam fazer parte do dia a dia de quem está na pré-escola” (MARQUES, 2022, s/p.).

Por fim, outra questão importante que distingue a criança pequena dos demais grupos etários da Educação Infantil – bebês e crianças bem pequenas – diz respeito ao quesito obrigatoriedade, pois a faixa etária que se destina a pré-escola é determinada pela legislação brasileira como obrigatória, pois de acordo com Lei Federal nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 (BRASIL, 2006), as idades limitadas à pré-escola são 4 e 5 anos. Desse modo, “qualquer criança com 4 anos completos até 31 de março deve ser matriculada nessa categoria da Educação Infantil” (BRASIL, 2006).

Após serem tecidas considerações sobre a criança pequena, serão apontados os conceitos, as caracterizações e os benefícios da contação de histórias.

2. 2 – A Contação de Histórias: conceitos, benefícios e caracterizações

De acordo com o artigo *O que é contação de histórias?* (2002, s/p), o termo “contação de histórias” é uma expressão relativamente recente, livremente traduzida e adaptada do castelhano ‘cuentacuentos’ que, por sua vez, pode significar tanto o ato de se contar histórias, quanto o próprio contador. Na língua inglesa, o termo

“*Storytelling*”, similar a contação de histórias, se refere ao ato ou capacidade de narrar um fato ou uma história, seja de forma improvisada ou planejada.

O ato de contar histórias surge previamente da escrita, visto que, desde o começo a humanidade tinha a necessidade de embutir, através da língua oral, relatos cronológicos de acontecimentos do passado de cada cultura. Para Bussatto (2008, p. 20), “o conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de histórias”.

De acordo com Patrini (*apud* CRUZ, 2018, s/p.):

A contação de histórias é uma prática muito antiga e de grande relevância para a história da humanidade. Documenta-se que, antes mesmo da escrita ser inventada, já havia o costume de utilizar o conto oral como instrumento de transmissão de conhecimento. Através dessa tradição oral muitas sociedades conseguiram preservar a sua cultura, e, consequentemente, deixaram um rico legado de saberes, crenças e tradições, pois cada geração tinha o dever de contar as histórias para as gerações seguintes.

Na atualidade, a contação de histórias é usada também para difundir o conhecimento didático nas escolas, mesmo que não configure sua função principal. O fato é que o ato é uma das práticas mais remotas da humanidade, tendo em vista que o ser humano conta histórias desde o início do desenvolvimento das habilidades de comunicação e da fala trocar experiências, em momentos de confraternização, entre outros (O que é contação de histórias?, 2002).

Sobre seus benefícios, Abramovich (1997, p. 18) pontua que a contação de história é uma forma de arte e acrescenta que nela “se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes. Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção. É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido”.

Para Oliveira (1996), as crianças começam a formar sua leitura de mundo e despertar para rabiscos, traços e desenhos desde muito cedo, conforme as oportunidades que lhes são oferecidas.

Nesse sentido, a criança que desde cedo escuta histórias contadas por seus responsáveis, certamente, será um adulto leitor acostumado ao hábito da leitura, terá prazer em ler, sua imaginação e criatividade são estimuladas a expressar ideias. Desse modo, percebe-se que a literatura infantil oportuniza às crianças a interagir em seu processo de construção do conhecimento, garantindo a formação do desenvolvimento cognitivo e sua aprendizagem (OLIVEIRA, 1996).

Em relação às caracterizações, como atividade lúdica e pedagógica, o ato de contar histórias torna-se uma ferramenta de trabalho para o docente em sua atuação escolar que, segundo Abramovich (1997), auxilia a criança na descoberta de outros tempos, lugares, formas de ser e de agir, assim, desde a Educação Infantil as crianças de 4 a 5 anos e 11 meses têm acesso às disciplinas e aos conteúdos sem precisar saber o nome e para que cada uma deles servem.

O hábito leitor na escola se inicia com o trabalho do professor, pois inicialmente é ele quem a faz e sua forma de ler, contar, recriar a história através de sua prática pedagógica, é que faz despertar o interesse e o encantamento da ação leitora e de forma complementar a alfabetização por meio da leitura literária. Ao mesmo tempo em que se ensinam a leitura, a escrita, estimula-se o desenvolvimento moral e social da criança, o encantamento das atividades lúdicas baseadas na literatura, as dramatizações, recitais etc. (ABE, 2022).

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico e o outro, para o desenvolvimento psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. Conforme se pode perceber nas citações anteriores, a literatura infantil traz uma lição de vida de forma imaginária, contribuindo para a formação da criança no processo de construção da sua personalidade (OLIVEIRA, 1996, p. 27).

Notadamente, de acordo com Oliveira (2020), o ato de contar histórias é uma das práticas cotidianas que percorrem todas as etapas e intervalo de idades aproximadas das instituições da Educação Infantil, incluindo as crianças pequenas, e que traz muitos benefícios para a criança no seu desenvolvimento da oralidade, ampliação lexical e também seu desenvolvimento cognitivo e cuidados com pensamento.

Segundo o R.C.N.E.I. (BRASIL, 2001, p. 143), em seu terceiro volume, “a leitura de histórias é um instrumento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não são o seu” Desse modo, é possível salientar que o ato de contar histórias conduz a criança para outra idealização de visão de mundo.

A contação de histórias é uma forma clara de transmitir os saberes e um influenciador de fantasias. Colabora na progressão física, cognitivo e sócio

emocional das crianças. Trata-se de ilustre colaboradora da Educação Infantil. Isto é o que falam Mateus *et al* (*apud* OLIVEIRA, 2020).

Para Garcia (*apud* OLIVEIRA, 2020), o ato de contar histórias traz novas significações, ao exceder a noção de recreação e divertimento, proporcionando a criação da intenção voluntária e de planos de vida real, ilustrando a relevância no desenvolvimento do pensar das crianças.

Mateus *et al* (*apud* OLIVEIRA, 2020, p. 154) trazem que “as histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos”, melhor dizendo, o ato de contar histórias colabora para o aprendizado na Educação Infantil.

Gardner revela (*apud* OLIVEIRA, 2020) que ouvir ou ler histórias auxilia na composição do aprendizado, contribuindo com a atuação simbólica, com o desenvolvimento da linguagem de modo peculiar das habilidades verbais e com desenvolvimento cognitivo das crianças.

Para Abramovich (1997), a criança que escuta histórias infantis tem mais facilidade de socialização e torna-se um jovem mais consciente, cooperando com o próximo, pois quando a criança senta em uma roda para ouvir a história, ela aprende a esperar sua vez de participar, a dar vez ao colega que faz parte da roda de histórias, podendo comentar, interpretar, recontar e opinar, e, com isso, aprende a ouvir, falar e expressar-se melhor.

Ao ouvirem ou lerem os contos de fadas, as crianças, mesmo sem o saber, estão formando as leituras de mundo que as ajudarão nos caminhos a serem trilhados na vida. Em cada uma dessas histórias maravilhosas, há uma verdade vital. Neste nosso mundo-cão do “vale tudo” e de ausência de parâmetros para o comportamento humano, esses exemplos de vida em que a virtude é exaltada, o mal é castigado e os altos ideais saem vitoriosos, sem dúvida podem ser ótimos guias iluminadores para os pequenos aprendizes de vida e de leitura (COELHO, 1991, p. 155).

Estas histórias, tão deliciosas, estimulam processos mentais que levarão à organização de ideias adequadas ao direcionamento e ampliação de valores éticos, adequando, para construção da autoestima e da cooperação social (COELHO, 1991).

O ato de contar histórias está conectado ao imaginário infantil, destacam Mateus *et al* (*apud* OLIVEIRA, 2020). Tal ação encoraja o gosto e o hábito da leitura, além de estimular a ampliação lexical e cultural. As classes de elementos presentes

nas histórias oportunizam referências ao desenvolvimento do consciente e do subconsciente infantis, relação entre o espaço do indivíduo – aspecto interno – com o mundo externo – social, o que contribui na construção de sua personalidade, seus valores e suas crenças.

“Sendo uma atividade grandemente recreativa, a atividade de ouvir histórias, torna-se uma ação pedagógica na conformidade em que estimula curiosidades por novas histórias, impulso pela leitura e, por conseguinte, estimula o desenvolvimento cognitivo da criança” (OLIVEIRA, 2020, p. 155).

Para Oliveira (2020), contar histórias estimula a criatividade e a imaginação da criança, fazendo com que seu vocabulário seja ampliado de acordo com seu desenvolvimento ao longo do aprendizado. Com isso, é notório que com o passar do tempo, os questionamentos possam surgir, as interações entre os alunos se intensificam e, além disso, também há o melhoramento da dicção através das práticas de leitura.

A seguir serão trazidos apontamentos sobre a contação de histórias, de acordo com a legislação brasileira vigente, a Base Nacional Comum Curricular.

2.3 – A Contação de Histórias na B.N.C.C.

A Base Nacional Comum Curricular – B.N.C.C. (BRASIL, 2017, p. 10) apresenta ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais que deverão ser asseguradas aos educandos por meio de dez competências. A “competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p. 11).

Pode-se verificar que algumas competências dentre as dez estão relacionadas com o ato de contar histórias e poderão ser desenvolvidas já na Educação Infantil, inclusive com o grupo etário das crianças pequenas – 4 anos a 5 anos e 11 meses (BRASIL, 2017).

A seguir serão citadas as competências de número 3, 4, 6 e 9. Todas relacionadas à contação de histórias:

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p. 11)

A história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolverem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico; auxiliam na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhorando seus relacionamentos interpessoais e afetivos, abrindo lugares para novas aprendizagens nos diversos conteúdos disciplinares da escola, pelo caráter motivador da criança (BUSSATTO, 2008).

A B.N.C.C. (BRASIL, 2017), sobre a Educação Infantil, traz relevantes apontamentos à atuação do educador. Em sua prática, o professor deve propiciar seis direitos de aprendizagem e de desenvolvimento que garantem, na Educação Infantil, os meios a fim de que as crianças aprendam em circunstâncias nas quais possam desempenhar uma ativa função em ambientes que as convidem à vivência, aos desafios, às provocações e à autonomia de resolvê-los, colaborando na construção de significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.

As aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e as brincadeiras como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2017).

Assim, de acordo com a B.N.C.C. (BRASIL, 2017, p. 36), os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil são: Brincar; Conhecer-se, Conviver, Explorar, Expressar e Participar.

Convém trazer à reflexão os direitos de aprendizagem Conviver, Expressar e Participar. Todos dizem respeito à prática pedagógica que utiliza e emprega a contação de histórias. Observe:

“Conviver – com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas” (BRASIL, 2017, p. 36).

“Expressar – como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens” (BRASIL, 2017, p. 36).

Participar – ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando (BRASIL, 2017, p. 36).

O direito de Conviver garante que as crianças pequenas convivam em grupos, sendo eles grandes ou pequenos, composto por pessoas com a mesma idade ou diferente, ocorrendo por meio da aplicação de linguagens diversas. Os estudantes, inclusive os de Educação Infantil e do grupo etário de 4 a 5 anos e 11 meses, podem conhecer mais sobre si e sobre os outros, sendo esse o fator essencial para que se desenvolva respeito pelas diferenças culturais e pessoais com as quais irão se deparar ao longo do tempo e que possam conviver em harmonia.

Expressar-se é uma competência substancial para se aprender a se comunicar com quem se convive. A B.N.C.C. (BRASIL, 2017) garante o direito que criança possa se manifestar para que compreenda a sua real importância como pessoa e cidadã, devendo dar alternativas para atizar as crianças a se expressarem por meio de que pensem e apresentem seu ponto de vista, sentimentos, dúvidas, questionamentos e opiniões.

Torna se indispensável ouvir o que às crianças dizem para que se ofereça a elas uma educação correta ao que se precisa. Segundo a B.N.C.C. (BRASIL, 2017), as crianças têm direito de participar de forma ativa dos planejamentos relacionados

à escola e das atividades lhes apresentadas em sala de aula. Com isso, torna-se necessário a participação das crianças nas escolhas de conteúdos para que tenham espaço para dar sua opinião livremente e aprendam a respeitar o posicionamento das demais.

A seguir, serão tecidas considerações acerca dos Campos de Experiências O Eu, o Outro e Nós e Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação e como tais campos podem estar relacionados com a ação de contar histórias, e, por fim, como eles podem contribuir à formação leitora.

2.3.1 – Campo de Experiência O Eu, o Outro e Nós

No campo de experiências *O Eu, o Outro e o Nós*, pode-se afirmar que com a convivência e a participação dos pares, a criança irá construir seu próprio modo de agir, sentir e pensar, assim descobrindo que existem outros modos de vida. Com isso, ao mesmo tempo constrói sua autonomia e senso de autocuidado, reciprocidade e de interdependência com o meio ao participar de relações sociais e de cuidados pessoais (BRASIL, 2017, p. 38).

De modo específico, para a criança pequena, o campo de experiências *O Eu, o Outro e o Nós* irá possibilitar como objetivo de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida (BRASIL, 2017, p.43-44).

Por meio dessa habilidade, o educador poderá, por meio da contação de histórias, estimular: a ampliação da forma de percepção de si mesma e do outro; valorização da identidade; respeito aos outros; reconhecimento das diferenças que constituem como seres humanos; construção de percepções e questionamentos sobre si e outrens, distinguindo-se e, simultaneamente, identificando-se como seres sociais e individuais; constituição de uma forma peculiar de sentir, pensar e agir; dentre outros benefícios que irão corroborar com a formação leitora, desde a tenra idade, inclusive na faixa etária dos 4 aos 5 anos e 11 meses de idade.

Assim, o intuito desse campo de experiência concerne à construção da subjetividade e da identidade da criança pequena. Logo, a ação pedagógica de

contar de histórias é concebida como um excelente modo a fim de germinar afeto entre os pares, isto é, corrobora com o reconhecimento das diferenças culturais e, através delas, a apreensão da capacidade de expansão de mundos (BRASIL, 2017).

2.3.2 – Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação

A B. N. C.C. (BRASIL, 2017, p. 40) traz no Campo de Experiência *Escuta, fala, pensamento e imaginação*, que, desde o nascer, a criança participa no dia a dia de ocasiões comunicativas com as pessoas com as quais interage. De modo progressivo, ela amplia e enriquece seu vocabulário e demais recursos de expressão e de entendimento “apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação” (BRASIL, 2017, p. 40).

Neste sentido, torna-se relevante na Educação Infantil, a promoção de “experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral” (BRASIL, 2017, p. 40). Ao escutar de histórias, ela participa de conversas, descrevendo, narrando de modo mais elaborado, seja individualmente ou em grupo, desenvolvendo “as múltiplas linguagens”. Neste sentido, ela se constitui de modo ativo enquanto sujeito singular que pertence a um grupo social, colaborando assim, com a formação leitora.

A Base (BRASIL, 2017, p. 40) vem apontar que as experiências com a literatura infantil, contidas nas propostas pedagógicas docentes, “contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo”. Nesse sentido, o educador mediará as crianças e os textos, propiciando o contato com contos, fábulas, histórias, cordéis, poemas, livros, com distintos gêneros literários, a distinção entre a escrita e as ilustrações, dentre outras possibilidades que irão colaborar com a imersão no universo leitor.

De modo específico, para a criança pequena, o campo de experiências *Escuta, fala, pensamento e imaginação* irá possibilitar como objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: “(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão” (BRASIL, 2017, p. 47).

Por meio dessa habilidade, o educador poderá, por meio da contação de histórias, propiciar para a criança pequena o estímulo da linguagem oral, concebida como ponto de partida à contação de histórias. Além disso, irá colaborar com o aumento lexical, cultural e de conhecimentos; exercitar a escuta permanente e a ficção; estimular a empatia, colocando-se sobre outros pontos de vista, sem julgamento; e corroborar com o relacionar-se seja consigo, seja com, pelo e para o outro.

Assim, o intuito desse campo de experiência concerne ao desenvolvimento da forma de comunicação da criança, favorecendo, assim, a consolidação da imaginação, da criticidade e do pensamento (BRASIL, 2017).

3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 – Procedimentos metodológicos

Através da metodologia, simultaneamente, atende-se aos critérios de maior rapidez, menor custo, mais confiabilidade dados e maior eficácia, além de se responde à indagação: “**COMO PESQUISAR?**” (QUADROS, 2007, p. 33) *[destaques da autora]*.

Para melhor entendimento, os procedimentos metodológicos deste artigo científico foram definidos: em relação aos objetivos, quanto aos procedimentos e técnicas, através do método de abordagem e em relação ao método de procedimento.

Acerca dos objetivos, a metodologia deste artigo científico abrange a pesquisa descritiva e a pesquisa exploratória.

Para Gil (2002), a pesquisa descritiva visa descrever as características de fenômenos específicos ou populações, incluindo a descrição de um estudo do nível de atendimento de entidades, o processo numa organização, bem como levantamento de atitudes, opiniões e crenças na população.

Segundo Andrade (2004, p.19-20), tais fenômenos são estudados, porém não são manipulados pelo pesquisador. Dessa forma, o observador, proponente dessa pesquisa, não pôde dar considerações a respeito da função facilitadora da contação de histórias na formação leitora, nem relatar o intuito de suas observações que é evidenciar tal importância. “Os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles”.

Ainda conforme a ótica de Andrade (2004, p. 19), a pesquisa exploratória orienta maiores informações sobre a temática que se vai pesquisar, além de facilitar a delimitação do problema e nortear a fixação dos objetivos ou descobrir um novo tipo de enfoque ao assunto, ou seja, trouxe subsídios no sentido de comprovar se no ambiente escolar, a contação de histórias pode ser usada como recurso pedagógico.

Em relação às técnicas e aos procedimentos, este artigo pautou-se em uma pesquisa de bibliográfica e de campo.

Para Gil (2002), constituindo-se principalmente de livros e artigos científicos, a pesquisa bibliográfica é desenvolvida baseando-se em material já elaborado. Neste

sentido, a fim de propiciar solidificação desse artigo científico foram utilizados muitos autores. Dentre eles, pode-se citar: Abramovich (1997); Bussatto (2008); Coelho (1991); Lima, Anjos e Rôças (2021); Oliveira (2020); Piaget (1978), etc.; além da legislação brasileira (BRASIL, 1996; 2001; 2010; 2017).

Para Andrade (2004, p. 21), “a pesquisa de campo objetiva a produção ou reprodução de fenômenos”, o que merece a atenção, pois exige critérios de escolha de amostragem, a forma pelo qual foram coletados os dados e os critérios analisados das informações obtidas.

Por meio da seleção dos sujeitos, se propôs a análise da abordagem do problema através da pesquisa qualitativa. É o instrumento “que, apesar dos riscos e dificuldades que impõe, revela-se sempre um empreendimento profundamente instigante, agradável e desafiador”, selecionando os sujeitos, no caso, os docentes da Educação Infantil que atuam com as crianças pequenas (DUARTE, 2002, p. 140).

Em relação ao método de abordagem, sob a reflexão de Gil (2002), partiu-se da dedução, isto é, o ponto de partida foi teorias e leis mais generalizadas para acontecimentos de fenômenos específicos.

Acerca do método de procedimento, esta investigação foi monográfica e abordou uma pesquisa de campo.

A investigação monográfica consiste em observar determinados indivíduos, condições, profissões, instituições, comunidades ou grupos, a fim de obter generalizações (ANDRADE, 2004). Neste caso, esta proposta observou a classe docente da Infância.

Segundo Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, sendo ela de suma importância em um trabalho científico, pois tem um contato maior com a realidade do sujeito da pesquisa, como também de aproximar e conhecer de forma concreta do campo pesquisado, ou seja, a sala de aula das crianças pequenas.

Em conformidade com Gil (2002), a observação direta das atividades de grupos estudados e de entrevistas com informantes apreende as interpretações e as explicações do que acontece numa realidade, como nesse artigo, a sala de aula da Educação Infantil e como sujeitos os educadores que atuam com crianças pequenas.

Em relação às técnicas para coleta de dados, Quadros (2007) profere que sua principal forma refere-se à leitura, tanto de revistas, jornais, CDs, livros, etc., sendo empregada, certamente, a todos os tipos de pesquisa. Esta técnica também é denominada de pesquisa bibliográfica, foi constituída de dados secundários, ou seja, aqueles que já se encontram disponibilizados que já foram objeto de análise e estudo.

Todavia, na construção deste trabalho científico empregou-se os dados primários, quer dizer, aqueles ainda não sofreram estudo e análise, por meio, em específico do instrumento de coleta de dados, o questionário aberto.

Para Quadros (2007), o universo de uma pesquisa concerne ao conjunto de fenômeno e todos os fatos que apresentam uma característica comum. Aqui, neste artigo científico, o universo é a Educação Infantil.

A população diz respeito ao conjunto de números obtidos, contando-se ou medindo-se certos atributos dos fenômenos e/ou fatos que constituem um universo. Nesta pesquisa científica, a população se trata de professores atuantes da pré-escola na Educação Infantil (QUADROS, 2007).

3.2 – Coleta dos dados

Visando complementar esta pesquisa acadêmica, fez-se necessário a realização da pesquisa de campo. Assim, foi elaborado um questionário concernente à temática em questão no montante de nove questões abertas e discursivas.

Segue abaixo, em ordem alfabética, as iniciais dessas educadoras e suas formações acadêmicas e, em seguida a apresentação das respostas integrais do questionário aplicado:

1 A. F. M.

Formação: Graduação em Pedagogia e oito cursos relacionados à Contação de Histórias; e Arte, Cultura, Educação e Música.

2 A. M. S.

Formação: Pedagogia e Secretariado.

3 C. O. A.

Formação: Graduação: Pedagogia. Pós-Graduação em: Alfabetização e Letramento; Gestão; Ludopedagogia; Educação Especial Inclusiva; Ludicidade e Educação: jogos, brinquedos e brincadeiras na sala de aula. Cursando: Letras-Inglês e Artes Visuais.

4 F. C. S.

Formação: Pedagogia; Especializações: Educação Especial com ênfase em Deficiência Mental; Psicomotricidade; Educação Infantil: Práticas Pedagógicas; Educação Infantil: Neurociência e Aprendizagem; Psicopedagogia Clínica e Educação Infantil; e Ludopedagogia e Literatura na Educação Infantil e Anos Iniciais.

5 M. E. C.

Formação: Graduação em Pedagogia com ênfase na Educação Especial e em Letras-Inglês; Pós-Graduação em: Gestão Escolar; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Educação Especial na área da Deficiência Intelectual; TEA; TGD; TDAH; Alfabetização Matemática; Pedagogia Sistêmica; e Contação de Histórias.

6 M. G.

Formação: Graduação em Pedagogia. Pós-Graduação em Arte Cultura e Educação; e Ludopedagogia.

7 P. R. da S.

Formação: Graduação em História e em Pedagogia. Pós-Graduação em Educação. Mestrado em História.

8 R. S.

Formação: Graduação em Pedagogia. Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional.

9 T. M. R. Z.

Formação: Graduação em Letras/Literatura e em Pedagogia. Pós-Graduação em: Pedagogia; Educação Infantil; e Alfabetização e Letramento.

10 V. F.

Formação: Graduação em Pedagogia: Pós-Graduação em Gestão Escolar. Além de cursos voltados à Contação de Histórias.

1 – Sexo:

Sujeito	Resposta
1	"Feminino".
2	"Feminino".
3	"Feminino".
4	"Feminino".
5	"Feminino".
6	"Feminino".
7	"Masculino".
8	"Feminino".
9	"Feminino".
10	"Feminino".

2 – Idade:

Sujeito	Resposta
1	"Acima de 35 anos"
2	"Acima de 35 anos."
3	"Acima de 35 anos".
4	"Acima de 35 anos".
5	"Acima de 35 anos."
6	"Acima de 35 anos".
7	"26 a 35 anos".
8	"Acima de 35 anos".
9	"26 a 35 anos".
10	"Acima de 35 anos".

3 – Há quantos anos exerce a atividade de docente?

Sujeito	Resposta
1	"10 anos".
2	"8 anos".
3	"8 anos".
4	"15 anos".
5	"29 anos".
6	"9 anos".
7	"Seis anos (antes como auxiliar)".
8	"16 anos".
9	"12 anos".
10	"Há 30 anos, Seis anos no Ensino Fundamental, cinco anos na Educação Infantil, quatro anos na Educação de Jovens e adultos, quinze anos em Direção no Ensino Fundamental, Educação Infantil, coordenação no Ensino Fundamental Educação Infantil, Observação: Quatorze anos como Contadora de Histórias".

4 – O que você entende por contação de histórias?

Sujeito	Resposta
1	<i>“A arte de contar histórias com encantamento”.</i>
2	<i>“Que é uma maneira de sanar conflitos interiores, possibilitar muitos aprendizados, além de ser uma excelente maneira de descontração”.</i>
3	<i>“É uma forma lúdica de transmissão de conhecimentos e um ótimo estímulo para a imaginação, auxilia no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional das crianças”.</i>
4	<i>“Ajuda os alunos a ir além das suas imaginações”.</i>
5	<i>“A arte da Contação de histórias é a maneira de conduzir a aprendizagem através do uso da apropriação da leitura, escrita, da imaginação e do uso de recursos que uma história seja ela qual campo abranger. Contar histórias e levar o conhecimento através do lúdico, da criatividade e informação”.</i>
6	<i>“Contação de histórias é a arte de encantar os alunos através de histórias e contos e a forma de apresentar o mundo letrado a eles”.</i>
7	<i>“Entendo como o contador contando e/ou interpretando uma história ao seu público-não é somente ler, mas ter uma interação mínima”.</i>
8	<i>“Contação de histórias é levar a criança a viajar pelo mundo imaginário, a lugares ainda desconhecidos estimulando a curiosidade e desbravando conhecimentos”.</i>
9	<i>“A contação de histórias é uma forma divertida de se narrar acontecimentos, tem por objetivo desenvolver o gosto e o prazer da leitura”.</i>
10	<i>“Contar uma história é a passagem para o mundo mágico, onde a cada segredo revelado traz a possibilidade da realização de milagres, podemos inclusive afirmar que a força de uma boa história tem o poder de solucionar dificuldades, harmonizar ambientes e dar continuidade a história do mundo”.</i>

5 – Você, enquanto educador (a), utiliza a contação em sala de aula?

Sujeito	Resposta
1	<i>“Sim todos os dias”.</i>
2	<i>“Sim”.</i>
3	<i>“Sim, todos os dias, como leitura deleite ou como parte do conteúdo trabalhado”.</i>
4	<i>“Sim, diariamente”.</i>
5	<i>“Sim, todos os dias.”</i>
6	<i>“Sim, todos os dias”.</i>
7	<i>“Sim, quando estou atuando em sala de aula com as crianças. Atualmente, como coordenador, não”.</i>
8	<i>“Sim... Uso a contação de histórias para divertir, para ensinar, para transmitir um recado, para que as crianças adquiram o hábito da leitura”.</i>
9	<i>“Sim, sempre e todos os dias”.</i>
10	<i>“Sempre, porque a contação de histórias como recurso didático envolve fatores relevantes como: a narrativa adequada, a escolha dos materiais dos jogos e brincadeiras, a afetividade e a construção de ambientes lúdicos, estando todos relacionados a uma prática pedagógica significativa”.</i>

6 – Você acredita que a contação de histórias como prática pedagógica e facilitadora, subsidiando a formação leitora, contribui com a aprendizagem das crianças?

1	Resposta
2	<i>“Sim. Porque através da história, a criança entra em contato com um mundo diferente, que ela mesma pode imaginar e criar. E também aprender. Assim ela tomará gosto por histórias e leitura, proporcionando aprendizado”.</i>
3	<i>“Sim, acredito, pois a contação de história torna o conteúdo trabalhado mais encantador e interessante, facilitando a interiorização da aprendizagem.”</i>
4	<i>“Sim. Acredito, pois a contação de histórias torna o conteúdo trabalhado mais encantador e interessante, facilitando a interiorização da aprendizagem”.</i>
5	<i>“Sim. Existem diversos livros de histórias que podem ser introduzidos no que é desenvolvido em sala de aula”.</i>
6	<i>“Sim. A criança percebe através da Contação que existe uma decifração dos signos de letras com seus respectivos sons e que esse movimento transforma a ação do contador em algo gostoso de se ouvir... atrás desse exercício das palavras surge mundos, universos, Reis, anões...”.</i>
7	<i>“Sim. Totalmente, pois através da contação, os alunos têm contato com o mundo letrado, com o fascínio que a história traz e com o encantamento, podendo inclusive, se tornarem futuros escritores, contadores de histórias pelo mundo afora”.</i>
8	<i>“Sim”.</i>
9	<i>“Sim. Através do contato com livros e com contação de histórias as crianças se desenvolvem cognitivamente e conseqüentemente a aprendizagem”.</i>
10	<i>“Sim”.</i>

7 – Você acredita que todo educador (as) possui (em) formação para contar histórias às crianças na sala de aula?

Sujeito	Resposta
1	<i>“Nem todos possuem, mas deveriam”.</i>
2	<i>“Não, nem todos”.</i>
3	<i>“Nem todo educador tem a formação, mas mesmo sem a formação pode se tornar um grande contador de histórias, basta se dedicar e praticar, com a prática qualquer um é capaz de aperfeiçoar suas habilidades”.</i>
4	<i>“A maioria não”.</i>
5	<i>“Não. Existem os leitores de histórias. Existem os mediadores e os contadores”.</i>
6	<i>“Na verdade, o professor que não tem essa formação busca, através de cursos, palestras, oficinas, obter a formação para se desenvolver enquanto contador de histórias”.</i>
7	<i>“Não plenamente, pois ela deve ser reflexiva e aperfeiçoada”.</i>
8	<i>“Não. Os educadores não possuem formação, mas deveriam ter. A educação infantil e as séries iniciais são o alicerce da educação e os profissionais da educação dessa fase deveriam ser mais valorizados e ser mais valorizados e ter mais suportes para desenvolverem um bom trabalho”.</i>
9	<i>“Não nem todo educador tem a formação, mas, com certeza, tem a sabedoria de vida, que auxilia nesse momento, principalmente ao contar uma boa história”.</i>
10	<i>“Sim, acredito que todos nós temos, dentro de nossos corações. Uns mais ousados, outros mais tímidos. Se você for muito tímido (a), comece contando histórias para pessoas mais próximas a você e com quem você tem mais afinidade e liberdade e aos poucos vá ampliando ao seu público.”</i>

	<i>A prática leva a perfeição, então pratique cada vez mais! Imprevistos e interrupções podem sempre acontecer, principalmente quando estamos nos apresentando em público, mas não se preocupe tanto, pois não é o fim do mundo, respire fundo e quando a situação estiver normalizada, continue sua contação como se nada tivesse acontecido. Lembre-se, você é quem está no controle”.</i>
--	--

8 – Quais sugestões de atividades você sugere para a contação em sala de aula?

Sujeito	Resposta
1	<i>“Livros, fantasias, fantoches, dedoches, utensílios de cozinha, barbante, (panos diversos)”.</i>
2	<i>“Fantoches, objetos variados que nem precisam ser personagens construídos. Podem ser objetos não estruturados, como por exemplo uma bexiga, um lençol, uma tampa de panela. Algo que represente o personagem e que faça a criança imaginar”.</i>
3	<i>“Histórias com recursos de apoio como: fantoches, palítoches e dedoches, histórias com fantasias temáticas e interpretações, histórias musicalizadas, livros sensoriais, interação com os alunos onde eles continuam a história usando sua criatividade dentre outros”.</i>
4	<i>“Leituras utilizando fantoches, aventais, dedoches”.</i>
5	<i>“A leitura diária de textos diversificados com abrangendo todas as tipologias de texto. E uma vez por semana uma transformação da forma de apresentar a história com uma contação”.</i>
6	<i>“A leitura, pura e simples, o teatro, a participação dos alunos no processo de desenvolvimento de uma história, vídeos, filmes, o uso da imaginação para criar o ambiente na hora da história e o manuseio dos alunos com os livros”.</i>
7	<i>“Sugiro interpretações faciais, barulhos corporais e efeitos sonoras com a fala, além de pequenos cenários, roupas e livros”.</i>
8	<i>“A participação das crianças na contação das histórias através da encenação da história, participação na confecção de cenário usando sucatas, a participação através de ilustração da história usando recursos variados (tintas, massinhas, argila, etc.)”.</i>
9	<i>“Após a contação você pode pedir para a criança desenhar a história, recontar, em forma de teatro, a mesma história, mudar o fim da história, etc”.</i>
10	<i>“Trabalhar a musicalização fazendo uma junção a Contação de Histórias. Ao fazer uma contação de história sempre preparar as crianças com calma, suspense. Trazer algo da história dentro de uma caixa ou saco com surpresa para criança. Após contar uma história, recontar colocando as crianças para participarem com personagens. Pedir para a criança recontar a história. Reescrever a história com outro final. Reescrever a história todos juntos. Observação: quando escolhermos uma história para trabalhar, temos em mãos um tema, desse tema vamos trabalhando as atividades, como colagem de sequência, pintura, jogos, atividades de cálculos, atividades de identificação, coordenação, temporal, etc.”.</i>

3.3 – Análise dos dados

Ao todo foram dez educadores provenientes de Escolas Municipais de Educação Infantil, localizadas nos municípios ao sudoeste do estado de São Paulo que responderam o questionário.

Todos os participantes possuem graduação em Pedagogia, sendo um com ênfase em Educação Especial. Dessa forma, constata-se que tais sujeitos apresentam formação concernente à Educação Infantil, pois, dentre suas especificidades, todos os dez participantes possuem licenciatura em Pedagogia, ou seja, correspondem ao que preconizam os preceitos do artigo 62, Título VI, da LDB nº 9.394/96, acerca dos profissionais da educação, cuja “formação de docentes [...] far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima o exercício do magistério na educação infantil [...]”. (BRASIL, 1996).

Outros colaboradores da pesquisa apresentam como segundo curso de graduação: Letras-Literatura, História, Letras-Inglês e Secretariado. Ainda uma participante está cursando Letras-Inglês e Artes Visuais. Dentre as pós-graduações elencadas, estão: um participante em Educação; um Alfabetização Matemática; um, Pedagogia Sistêmica; dois em Psicopedagogia; três em Gestão Escolar; um participante é especialista em Arte, Cultura e Educação; um participante possui vasta formação relacionada à Educação Especial, com os seguintes cursos: Educação Especial na área da Deficiência Intelectual; TEA; TGD e TDAH; outros, apresentam formação relacionada à Educação Infantil, sendo um especialista em Educação Infantil; um Ludicidade e Educação: jogos, brinquedos e brincadeiras na sala de aula; dois em Ludopedagogia, sendo que um deles tal especialização também inclui Literatura na Educação Infantil e Anos Iniciais, o que pode denotar certo conhecimento relacionado à arte da contação; apenas um participante, possui a titulação de Mestre, na área de História; outros apresentam formação relacionadas à contação, sendo: dois especialistas em Alfabetização e Letramento; por fim, duas participantes além da profissão docente, são contadoras de história e realizaram muitos cursos voltados à Contação de Histórias, sendo uma especialista nesta área.

Indagados a respeito do sexo, dos dez docentes, nove são do sexo feminino e apenas um do sexo masculino.

Em relação às idades, oito participantes têm acima de 35 anos e dois são da faixa etária entre 25 e 35 anos.

Também foi indagado o tempo que exercem a atividade de docente: o *sujeito 1* exerce por 10 anos; o *sujeito 2* e o *sujeito 3* há 8 anos; o *sujeito 4* tem 15 anos de atuação; o *sujeito 5* exerce há 29 anos; o *sujeito 6* com 9 anos; o *sujeito 7* há 6 anos, sendo que já ocupou o cargo de auxiliar de desenvolvimento infantil; o *sujeito 8* exerce por 16 anos; o *sujeito 9* com 12 anos e; por fim, o *sujeito 10* possui 30 anos de atuação, sendo que 14 anos estão dedicados a arte de contar histórias.

Dentre todos os participantes, pode-se observar que todos perpassam o tempo de 5 anos de atuação, onde se observa uma vasta experiência entre eles, uns com suas habilidades relacionadas à Educação Inclusiva, à Educação Especial e outros com capacitação relacionada à Contação de histórias, além de outros cursos voltados à e Arte, Cultura, Educação e Música, o que denota que a atividade docente é bastante ampla, cabendo a eles o papel de agentes transformadores da realidade, e para isso torna de extrema importância suas capacitações ao seu desenvolvimento profissional e acadêmico.

Em relação ao entendimento que cada participante dessa pesquisa tem sobre a contação de histórias, foram tecidas considerações de acordo com o pensar individual, mas que com palavras diferentes todos ressaltaram a importância que ato de contar histórias traz para a criança pequena benefícios para aprendizagem, para sua formação e para seu desenvolvimento, conduzindo-a a se tornar futuro sujeito crítico e leitor pensante.

Além disso, como respondeu o *sujeito 10*:

Contar uma história é a passagem para o mundo mágico, onde a cada segredo revelado traz a possibilidade da realização de milagres, podemos inclusive afirmar que a força de uma boa história tem o poder de solucionar dificuldades, harmonizar ambientes e dar continuidade a história do mundo.

O ato de contar histórias surge previamente da escrita, visto que, desde o começo a humanidade vivia a necessidade de embutir, através da língua oral, relatos cronológicos de acontecimentos do passado de cada cultura. Bussato (2008, p. 20) diz que “o conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de histórias”.

A respeito da indagação sobre a utilização da contação de histórias no dia-a-dia, por unanimidade todos ressaltam que sim, pois eles realizam diariamente a contação de histórias em sua sala de aula como uma prática pedagógica.

Em consonância do que aponta o R.C.N.E.I. (BRASIL, 2001, p. 143), em seu terceiro volume, em que “a leitura de histórias é um instrumento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não são o seu”. Desse modo, é possível salientar que o ato de contar histórias conduz a criança para outra idealização de visão de mundo.

Como ressalta o *sujeito* 10, “Sempre, porque a contação de histórias como recurso didático envolve fatores relevantes como: a narrativa adequada, a escolha dos materiais dos jogos e brincadeiras, a afetividade e a construção de ambientes lúdicos, estando todos relacionados a uma prática pedagógica significativa”.

Conforme o R.C.N.E.I. (BRASIL, 2001, p. 135): “O ato de leitura é um ato cultural e social. [...] Possibilita o estímulo e a curiosidade infantil pela leitura e pela escrita, podendo [...] construir uma relação prazerosa com a leitura”, o que dá mais significado a ação de ler.

Indo de encontro com o que fala Oliveira (2020), ao salientar que a contação de histórias torna-se uma prática usada para todas as etapas e intervalo de idade próximas das instituições da Educação Infantil, ressaltando o quão benéfico se torna para as crianças pequenas no desenvolvimento cognitivo e na oralidade, além de ampliar o léxico e estimular o pensamento.

De acordo com Piaget (1978), para que se haja aprendizado significativo das crianças pequenas, torna-se notório que a prática do ato de contar histórias como forma pedagógica que facilita e dá subsídios para se tornarem leitores pensantes deva ser uma constância na prática e no planejamento docente que atua com criança pequenas.

Dentre os dez participantes, oito deles revelam que através da contação de histórias: as crianças têm uma decifração dos signos de letras com seus respectivos sons; elas entram em contato com um mundo diferente onde elas mesmas podem imaginar e criar; e, que ao ouvir uma história, elas têm contato com o mundo letrado.

Pode-se observar que as respostas vão de encontro com a escrita de Oliveira (1996), ao destacar que quando a criança tem contato com as histórias desde cedo, muito possivelmente, terá gosto pela leitura, estimulando sua imaginação e criatividade ao expressar ideias.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 43) aponta que “criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos”, é um dos objetivos de aprendizagem no campo de experiências Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação, pois além de estimular a imaginação, a oralidade e a escrita, é uma prática pedagógica que exercita as conexões neurais da criança, fazendo com que ela se identifique com as situações e desenvolva meios de lidar com seus sentimentos e suas emoções.

Coelho (1999) revela que quando se tem o hábito de agradecer as crianças com contos, elas aprendem a se concentrar melhor, desenvolvem a fala e a escrita e aprendem a buscar nos livros novas histórias para que possam ampliar os seus horizontes.

Em relação à crença de que todo educador (as) possui (em) formação para contar histórias às crianças na sala de aula, quase que de modo unânime todos os participantes responderam que não, “[...] mas deveriam” (*sujeito 1 e 8*). “Não plenamente, pois ela deve ser reflexiva e aperfeiçoada” (*sujeito 7*).

Porém, de acordo com o *sujeito 10*, “Sim, acredito que todos nós temos, dentro de nossos corações. [...]”.

De acordo com os R.C.N.E.I. (BRASIL, 2001, p. 41), em relação à formação do educador, peculiarmente na Educação Infantil, implica numa ampla formação, pois:

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento.

Tal pensamento vem ao encontro do que foi apontado pelo *sujeito 3* ao dizer que “[...] mesmo sem a formação pode se tornar um grande contador de histórias, basta se dedicar e praticar, com a prática qualquer um é capaz de aperfeiçoar suas habilidades”.

Complementando o *sujeito 10* menciona que:

A prática leva a perfeição, então pratique cada vez mais! Imprevistos e interrupções podem sempre acontecer, principalmente quando estamos nos apresentando em público, mas não se preocupe tanto, pois não é o fim do mundo, respire fundo e quando a situação estiver normalizada, continue sua contação como se nada tivesse acontecido. Lembre-se, você é quem está no controle.

A Base (BRASIL, 2017) traz que, dentre as 10 competências apontadas, inclusive para serem estimuladas com o grupo etário das crianças pequenas – 4 anos a 5 anos e 11 meses –, as competências de número 3, 4, 6 e 9 estão relacionadas com o ato de contar histórias e poderão ser melhor lapidadas pelo educador em sua prática formativa.

Sob a ótica de Tardif (*apud* LIMA; ANJOS: RÔÇAS, 2021, p. 1007), “[...] é preciso repensar a formação docente, levando em conta tanto os saberes docentes como as realidades do exercício cotidiano [...]”.

Perrenoud (*apud* SILVA; DUARTE; SEGABINAZI, 2022, p. 3) profere que, acerca das “competências específicas de literatura infantil e juvenil para dirigir situações de aprendizagens”, cabe ao educador o conhecimento dos conteúdos a serem transmitidos bem como traduzi-los “[...] em objetivos de aprendizagem [...]”.

Neste sentido, os educadores, na formação continuada, necessitam mobilizar “os saberes já conhecidos na formação inicial (isso quando o curso de pedagogia oferece no currículo a disciplina Literatura Infantil e Juvenil ou equivalente) e os decorrentes da formação continuada e, se for preciso, buscar outras fontes para o domínio do conteúdo”.

Em suma, a arte de contar histórias deve fazer parte da formação do educador tendo em vista que abarca arte, ensino e pesquisa, o que corrobora com “inúmeras aprendizagens para os seres humanos”. Essencialmente, tal “[...] ação colabora para a formação do leitor crítico-reflexivo e sua inserção no mundo [...]” (LIMA; ANJOS: RÔÇAS, 2021, p. 1007).

Por fim, foi proposto aos participantes que sugerissem atividades em torno da contação em sala de aula. Como contribuições os participantes elencaram: fantoches/ dedoches/ palitoches (*sujeitos 1, 2, 3 e 4*); livros de literatura e o próprio ato de leitura (*sujeitos 1, 5 e 6*); quaisquer recursos ou aparatos, como: “utensílios de cozinha, barbante e panos diversos” (*sujeito 1*); “objetos variados que nem precisam ser personagens construídos” (*sujeito 2*); fantasias (*sujeito 3*); musicalização (*sujeito 10*); teatro (*sujeito 9*); a participação da criança seja na

contação, seja na confecção dos materiais (*sujeito 8*); e, por fim, o recurso mais importante, o próprio contador, com “interpretações faciais, barulhos corporais e efeitos sonoras com a fala” (*sujeito 7*).

Como se pode observar na contribuição dos participantes, há uma infinidade de recursos que podem ser empregados no momento da contação. Todavia, a intencionalidade e o planejamento docente são muito importantes, pois de nada uma gama de recursos, livros e outras ferramentas se o(a) educador(a) não se dedicar, não buscar aprender mais, não planejar, não conhecer seus alunos, dentre outros fatores.

Enfim, a presente pesquisa de campo foi ao encontro do que apontaram os autores na fundamentação teórica e o que foi também preconizado nas leis brasileiras, ou seja, a contação de histórias, dentre variados benefícios ao desenvolvimento infantil, é recurso decisivo em colaborar com a formação leitora, inclusive das crianças pequenas.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dessa pesquisa científica, por meio da fundamentação teórica e da pesquisa de campo, permitiu a reflexão acerca da *“A Contação de Histórias como Prática Pedagógica e Facilitadora, Subsidiando a Formação Leitora da Criança Pequena”*.

O assunto tem sido bastante discutido na contemporaneidade e buscar a compreensão da influência do ato de contar histórias na Educação Infantil para crianças pequenas – de 4 a 5 anos e 11 meses – e entender o quão significativo é para o processo de ensino-aprendizagem bem como para o desenvolvimento global da criança tem sido as principais motivações para sustentar essa pesquisa.

A proponente dessa pesquisa teve uma professora e colega de trabalho, Eurósia Milena Borba, a qual tornou-se inspiração para a escolha deste tema. A docente explorava de todas as maneiras a contação de história em sua sala de aula, quando, por inúmeras vezes, pode-se propiciar “aviagem no tempo” não só das crianças de sua turmas, mas também da proponente deste artigo científico, ao ouvir suas histórias encantadoras e marcantes. Histórias essas que sempre eram acompanhadas de alegrias, emoções, dramas, risos, carinhas preocupadas, em que todos imaginavam como seria o fim daquela linda história. Surreal ver a sala toda com os olhos vidrados, atentos a cada movimento e mudança no tom de voz. Nesse momento, esquecia-se de tudo o que se passava do lado de fora daquela sala de aula.

O principal objetivo desse artigo foi esclarecer e aprofundar a importância da contação de histórias enquanto prática pedagógica e facilitadora, subsidiando a formação leitora na Educação Infantil para crianças pequenas de 4 anos a 5 anos e 11 meses e esse intento pode ser alcançado por meio da metodologia adotada: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

Pretendeu-se apresentar informações teóricas, que respondessem ao problema voltado à reflexão e à compreensão acerca do uso da contação de histórias como recurso pedagógico no sentido de estimular a formação leitora das crianças pequenas e, sobretudo, apresentar a relevância na atuação docente nesse processo, que pode ser evidenciada por meio da colaboração de educadores, através de um questionário discursivo e aberto. Ou seja, pretendeu-se buscar subsídios que respondessem a problematização apresentada na introdução:

A contação de histórias pode ser concebida como prática pedagógica e facilitadora que irá colaborar com a formação leitora da criança pequena – de 4 a 5 anos?

Sim, o artigo científico demonstrou que a prática pedagógica da contação de histórias em sala de aula na Educação Infantil pode ser significativamente benéfica quando bem utilizada, podendo colaborar imensamente com o desenvolvimento total da criança pequena.

Evidencia-se a importância da contação de histórias na Educação Infantil para a criança pequena e a infinidade que tal prática, quando bem empregada pelo educador, pode contribuir com os aspectos social, cognitivo, afetivo, linguístico e social, inclusive corroborando com o processo de construção do conhecimento, criatividade, processo de alfabetização e formação leitora da criança, o foco desta discussão acadêmica.

Haja vista que o mundo da magia para a criança é apresentado através da contação de histórias e, por isso, deve ser apresentada a ela desde cedo, propiciando o encantamento pela leitura desde pequena, para que mais tarde torne-se uma pessoa sensível, reflexiva, criativa e crítica.

No estudo aqui apresentado, conclui-se que a contação de histórias é um recurso valioso na formação dos acadêmicos, especialmente por proporcionar aos seus sujeitos envolvidos a possibilidade de ampliar seus conhecimentos além de levá-los a refletir sobre a prática vivenciada.

A pesquisa teve como enfoque a compreensão ainda que minimamente, na procura de respostas sobre a problemática do emprego da contação de histórias, como ferramenta que viabiliza e propicia pré-requisitos à formação leitora da criança pequena.

Através do aporte teórico quanto da contribuição dos participantes na pesquisa de campo alcançou-se a pretensão em responder o problema elencado e aos objetivos propostos, levando a possibilidade de se refletir sobre a inserção da contação de histórias, verificando os benefícios para as crianças desenvolvam sua oralidade, ampliação lexical e também seu desenvolvimento cognitivo e cuidados com o pensamento, demonstrando que o ato de contar histórias torna-se um valioso instrumento em que a criança pequena pode conhecer a forma de viver, pensar e

agir, além de colaborar com a imersão no universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares.

Como próximos encaminhamentos, dando prosseguimento nesta pesquisa que teve como preocupação a contação de histórias como ferramenta colaborativa à formação leitora, desde a tenra idade e, de modo peculiar, quando adentra a fase pré-escolar, as crianças de 4 a 5 anos e 11 meses, pretende-se realizar um curso de pós-graduação em nível *lato sensu* – especialização – mas mudando seu foco, tendo a pretensão de se realizar uma pesquisa de pesquisa de campo, colhendo informações com a instituição familiar – pais e responsáveis – no sentido de poder contribuir com a educação filial, aproximando pais e filhos por meio da contação de histórias, aplicando de modo adequado a utilização das histórias no anseio familiar para o desenvolvimento da criança pequena.

Por fim, espera-se que a pesquisa científica traga contribuições às futuras investigações sobre as melhores condutas ao proceder à prática pedagógica que prima pelo estímulo do desenvolvimento geral da criança e cultivo de ações voltadas a Educação Infantil, em especial na idade de 4 a 5 anos e 11 meses.

5 – REFERÊNCIAS

ABE, S. K. **Retratos da leitura no Brasil**: por que estamos perdendo leitores. Disponível:><https://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores><. Acesso em 20 maio 2022.

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: Gostosuras e bobices. 4 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos da pós-graduação**: noções práticas. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BUSSATTO, C. **A Arte de contar Histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: ><http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/dia-base>< Acesso em 28 jan. 2017.

_____. Constituição (1988). **Constituição federal**. 4 ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 1999.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacional da Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 1996.

_____. **Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

_____. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. v. 1 e 3. Brasília: MEC/SEF, 2001.

COELHO, B. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, N. N. **Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

CRUZ, I. **A contação como prática educativa**. 24 jan. 2018. Disponível em:><https://petpedagogia.ufba.br/contacao-de-historias-como-pratica-educativa><. Acesso em 12 nov. 2022.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *In*: **Cadernos de Pesquisa**. Pontífica Universidade Católica. Rio de Janeiro, n. 115, mar., 2002. Disponível em: >[HTTP://www.scielo.br/pdf/cp/n115/05n115.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/05n115.pdf)<. Acesso em 10 out. 2021.

ESTEVES, L. **Da Teoria a prática:** educação ambiental com as crianças pequenas ou fio da história. Portugal: Porto Editora, 1998.

FREGONEZI, D. E. **O professor, a escola e leitura.** Londrina: Humanidades, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, V. da S.; ANJOS, M. B.; RÔÇAS, G. Formação docente e contação de histórias: comunicação e resistência em tempos de pandemia. *In: **Formação em Movimento***, v. 3, i. 3, n. 7, p. 1005-1026, 2021. Disponível em: ><http://costalima.ufrj.br/index.php/FORMOV/article/view/760><. Acesso em 12 out. 2022.

MAGIERIK, V. **O desenvolvimento da criança de 4 a 5 anos.** Disponível em: ><https://centroamadesenvolvimento.com.br/o-desenvolvimento-da-crianca-de-4-a-5-anos/><. Acesso em 12 out. 2022.

MARQUES, Y. **Pré-escola:** saiba tudo sobre essa etapa da educação infantil. 30 set. 2022. Disponível em: > <https://querobolsa.com.br/revista/pre-escola-saiba-tudo-sobre-essa-etapa-da-educacao-infantil><. Acesso em 12 out. 2022.

OLIVEIRA, E. G. DE. **O Pensar Bem na Educação Infantil.** Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

OLIVEIRA, M. A. **Leitura prazer:** interação participativa da criança com a literatura infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

O que é contação de histórias. Disponível em: ><https://cursos.escolaeducacao.com.br/artigo/o-que-a-conta-o-de-hist-rias>>. Acesso em 22 out. 2022.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança:** imitação, jogo, sonho e representação. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIERRY, M. **Saiba como anda a leitura dos brasileiros e por que o hábito é considerado tão favorável.** Disponível:> <https://correiadoestado.com.br/correio-b/saiba-como-anda-a-leitura-dos-brasileiros/386027><. Acesso: 20 maio 2022.

QUADROS, M. B. de. **Do projeto de pesquisa ABNT NBR 15287 (2005) a versão final da monografia.** FAFIJA: Jacarezinho: 2007. [texto].

SILVA, A. P. S. M. da; DUARTE, C. R.; SEGABINAZI, D. M. **Formação docente e contação de histórias:** a leitura literária na escola. Disponível em: >https://editorarealize.com.br/editora/anais/enlije/2018/TRABALHO_EV120_MD1_S_A3_ID145_23072018203232.pdf<. Acesso em 12 out. 2022.

WADSWORTH, B. **Inteligência e afetividade da criança da teoria de Piaget.** São Paulo: Pioneira, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE A

CARTA-CONVITE PARA PESQUISA DE CAMPO

Esta pesquisa de campo diz respeito à parte prática do trabalho de conclusão de curso de Pedagogia das FIT, intitulado **A contação de histórias como prática pedagógica e facilitadora, subsidiando a formação leitora**, sob orientação do Mestre Professor Eduardo Gasperoni de Oliveira que visa levar a reflexão acerca da contação de histórias como prática pedagógica facilitadora, subsidiando a formação leitora da criança pequena na Educação Infantil.

Encaminho a vossa senhoria no sentido de que suas contribuições irão colaborar grandemente com este T. C .C. .

Esclareço que as respostas serão utilizadas unicamente para este fim e primará pelo caráter ético e sigiloso.

O prazo para devolução será de 10 dias a contar do recebimento deste.

Grata.

Walquiria Aparecida Rolim.

Proponente deste T.C.C.

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

1) Sexo

() Masculino () Feminino

2) Idade

() 18 a 25 anos () 26 a 35 anos () Acima de 35 anos

3) Qual seu nível de formação?

() Ensino Médio

() Magistério

() Superior completo

() Superior incompleto

Quais cursos? (Graduação e especialização)

4) Há quantos anos exerce a atividade de docente?

R-

5) O que você entende por contação de Histórias?

R-

6) Você enquanto educador (a) utiliza a contação em sala de aula?

R-

7) Você acredita que a contação de histórias como prática pedagógica e facilitadora, subsidiando a formação leitora, contribui com a aprendizagem das crianças? () Sim () Não Por quê?

R-

8) Você acredita que todo educador (as) possui (em) formação para contar histórias às crianças na sala de aula?

R-

9) Quais sugestões de atividades você sugere para a contação em sala de aula?

R -